

APRESENTAÇÃO DOS GTS E DOS COORDENADORES - GT03 (ONLINE):
VOZES SUBALTERNIZADAS E INTERSECCIONALIDADE: POESIA QUEER,
QUILOMBOLA E INDÍGENA

**QUANDO JOVENS NARRAM O MUNDO: SOCIODRAMA, POÉTICAS
DECOLONIAIS, ESCRITAS DE SI E CORPOS EM URGÊNCIA**

Yandra De Oliveira Firmo (yandra.firmo@ufmt.br)

Este trabalho investiga a potência estética, política e pedagógica do sociodrama como prática emancipatória no campo da educação, articulando-o às poéticas das artes da cena e às narrativas autorais de estudantes. A proposta emerge de uma experiência realizada com jovens aprendizes do Ensino Médio da Rede Estadual de Mato Grosso, em um percurso formativo que buscou transformar o espaço escolar em território de criação, escuta e liberdade. O estudo se ancora no diálogo entre dois grandes criadores que tensionaram práticas e saberes: Paulo Freire, com a educação como prática de liberdade, e Jacob Levy Moreno, com o método do sociodrama voltado à espontaneidade, ao protagonismo e ao reconhecimento de outrem. A experiência que inspira este texto nasce da inquietação: de que maneira o sociodrama, enquanto método que convoca corpos, memórias e afetos, pode romper com a estrutura epistemológica dominante e fomentar uma práxis libertadora que dialogue com estéticas decoloniais? Compreendido como dispositivo de enunciação coletiva, o sociodrama permite que estudantes encenem suas próprias histórias, conflitos e desejos, produzindo imagens e sensações que entrelaçam vivências pessoais e saberes coletivos. As dramatizações, as linguagens sensíveis e os jogos de papéis sociais tornam-se

vias para acessar o mundo interior e as vivências grupais, ampliando os horizontes de leitura de si e do outro, rompendo com o silenciamento de vozes subalternizadas. Ao adentrar a sala de aula, o sociodrama desloca a rigidez do cotidiano escolar e abre lugar para uma educação que reconhece subjetividades, desfaz apagamentos e afirma o protagonismo juvenil. Nas cenas breves, nas improvisações e nas imagens corpóreas que emergem da coletividade, há um movimento que se aproxima de um teatro que pulsa na rua, na comunidade, no bairro: um teatro que transforma a vida em dramaturgia e o cotidiano em matéria poética. Assim, a prática ultrapassa conhecimentos curriculares hegemônicos e afirma-se como gesto político que convoca inventividades, críticas e sensibilidades. O trabalho desenvolvido revela que o corpo, quando acionado como território de memória e invenção, produz um espaço de pertencimento que muitas vezes a escola nega. Os jovens, ao ressignificarem suas experiências por meio das cenas, constroem narrativas de resistência, autonomia e cuidado, aproximando-se das poéticas decoloniais que evocam dignidade, denúncia e celebração da vida cotidiana. Esse diálogo evidencia um campo comum: a busca por deslocar a colonialidade do olhar e afirmar identidades plurais, tecidas nas fronteiras borradas entre arte, política e educação. Nesse sentido, o sociodrama opera como prática desestabilizadora e emancipatória, convocando participantes a enfrentar conflitos, elaborar afetos e reconhecer-se como autoras e autores de suas próprias histórias. Mais que método, torna-se uma ética de presença e relação, que inscreve no ato pedagógico a potência da criação coletiva e a força transformadora da arte. Podemos dizer, que o sociodrama, entrelaçado às artes da cena, configura-se como ferramenta de formação sensível, democrática e libertadora. Quando a escola se abre às narrativas sensíveis de estudantes, arte e educação se aproximam — e, juntas, podem promover mundos possíveis, nutridos pela coragem, pela exuberância e pela potência criadora das juventudes.

Palavras-chave: sociodrama; educação emancipatória; narrativas autorais; decolonialidade; artes da cena.